



A sociedade norte americana e os atentados de 11 de setembro na
visão de Michael Moore

Ana Paula Camelo, Gerlice Rosa, Vinicius Wagner,
Izabel Pompermayer, Victor Tancredo
Estudantes do curso de graduação em
Comunicação Social - Jornalismo
Departamento de Artes e Humanidades
Universidade Federal de Viçosa

RESUMO: Os atentados de 11 de setembro de 2001 nos EUA representam um grande marco na História. Desde então, a ameaça de novos ataques e o medo de que haja interferência na estabilidade social norte-americana fazem parte do cotidiano daquele país. Nesse trabalho, retratamos a visão do cineasta Michel Moore na produção e edição do filme *Fahrenheit 11 de setembro*. Abordamos a intencionalidade de Moore ao escolher cenas específicas, personagens, falas, trilha sonora e outros efeitos estratégicos na sua polêmica produção cinematográfica. Analisamos todas essas estratégias aplicadas ao contexto da sociedade norte-americana, ou seja, como Michael Moore retrata os habitantes dos EUA envolvidos pelo terrorismo.

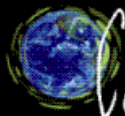
PALAVRAS-CHAVE: sociedade americana, terrorismo, medo, intencionalidade

O documentário tem a capacidade de observar, registrar, representar e ser fonte de conhecimento sobre a realidade
(Hélio Godoy, 1999)

O documentário *Fahrenheit 11 de setembro* apresenta diversos enfoques e questionamentos possíveis, visto sua densidade de informações e a longevidade temporal. Procuramos descobrir algo em todo o documentário que mais tivesse despertado interesse da equipe e que fosse relevante para o entendimento da produção cinematográfica.

Escolhemos tratar como tema “a sociedade americana”, uma vez que ela é alvo, tanto do produtor e roteirista Michael Moore, em seu intuito de alertar, educar e instruir o povo americano nas eleições presidenciais de 2004, quanto do presidente americano George W. Bush, que tenta se reeleger e atingir outros de seus objetivos políticos. Além disso, grande parte do documentário revela a relação e a maneira através da qual o presidente dos Estados Unidos, George Bush, refere-se ao povo americano. Mostra como a sociedade americana foi afetada e que conseqüências foram observadas desde a fraude nas eleições até o desastre na guerra do Iraque. Como as pessoas reagiram





a todos esses acontecimentos políticos, seus posicionamentos, suas opiniões antes, durante e depois de cada acontecimento.

“A história é construção de conhecimento sobre uma questão perturbadora do presente, que analisa o passado para explicar, compreender ou interpretar o fenômeno em questão” (GLEZER, 2007). Nesse sentido, o atentado às torres gêmeas de 11 de setembro é fato verdadeiramente inquietante, que justifica a produção de um documentário, visto a repercussão do fato para além das fronteiras dos Estados Unidos.

Segundo Frank Daniel, um “documentário audiovisual é, basicamente, contar histórias interessantes sobre pessoas interessantes e de forma interessante”. Em *Fahrenheit Moore*, fez um pouco disso. Ele uniu diversas “personagens reais” e contou a história de cada uma delas objetivando revelar algo oculto àquela sociedade e impedir a reeleição de um dos “personagens”- George Walker Bush.

Certo é que o documentário não é isento de intenções, mesmo mostrando a realidade sobre um fato. Ainda para Frank Daniel, “o documentário é uma representação mediada do mundo, e não o próprio mundo. Não existe neutralidade, a subjetividade e até mesmo a arbitrariedade nas escolhas e as interferências inibem a pretensão de autenticidade ou neutralidade.” Esse fato fica visível ao observarmos que Michael Moore é, além de tudo, o próprio narrador do documentário e mostra-se assim, como aquele que conduz a história, a narrativa. Dessa forma, desde já nos atentamos para o fato de que há intencionalidade nessa produção, evidenciada na materialização dos anseios do próprio roteirista, que declarou logo no início seu objetivo ao divulgar *Fahrenheit 11 de Setembro*.

Outra visão para a inserção de Michael Moore advém do pensamento de Maíra de Brito Carlos:

No campo do documentário, a presença do documentarista em cena comumente representa uma aproximação dele com os personagens reais do filme. Pode representar também a iniciativa do documentarista em conduzir a história, tornar seu ponto de vista mais evidente, como se fosse um repórter capaz de guiar os espectadores pelos caminhos que acha mais reveladores. (CARLOS, 2005 p.55)

É dessa forma que iniciamos nossa discussão em torno de *Fahrenheit*, afirmando que trata-se realmente de uma produção dotada de intencionalidades e, por que não, manipulações por parte do roteirista, que assume o vários papéis ao mesmo tempo: narrador, roteirista e personagem.





Metodologia

Objetivando a otimização do tempo e o estudo mais aprofundado sobre cada assunto a ser desenvolvido a partir da análise do filme, fizemos a divisão do conteúdo entre os integrantes do grupo. Dessa forma, um aluno ficou responsável por estudar os personagens, outro por detectar as características fílmicas, outro ainda por recolher todas as informações mais técnicas sobre o filme, e assim, sucessivamente.

É importante ressaltar que essa divisão de atividades não impediu que o grupo discutisse todas as informações acerca do filme. Cada informação recolhida, ou cada dúvida a respeito do campo teórico era compartilhada pelos integrantes.

No campo teórico, procuramos fazer um levantamento na internet de comentários, críticas e análises sobre o filme. Essa pesquisa agregou informações à equipe e embasou a nossa visão sobre o filme, sobre o roteirista, e também sobre a realidade ao nosso entorno. Além disso, a leitura do livro “A melhor democracia que o dinheiro pode comprar”, de Gregory Palast, contribuiu para o entendimento das relações econômicas e de poder existentes nos Estados Unidos no contexto analisado.

Com o intuito de trazer inovação e complementaridade para a feitura do nosso trabalho, e para melhores esclarecimentos sobre o documentário *Fahrenheit 11/09*, enviamos um e-mail para Michael Moore. Apesar de não termos obtido resposta (algo extremamente compreensível), essa foi uma tentativa da equipe de ampliar a sua visão a respeito da produção e intenção do documentário, entrando em contato com uma fonte oficial.

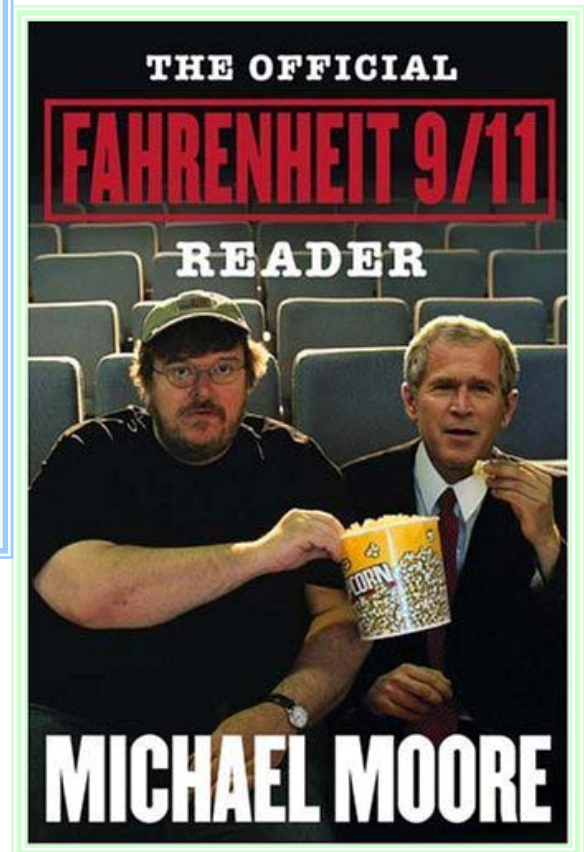
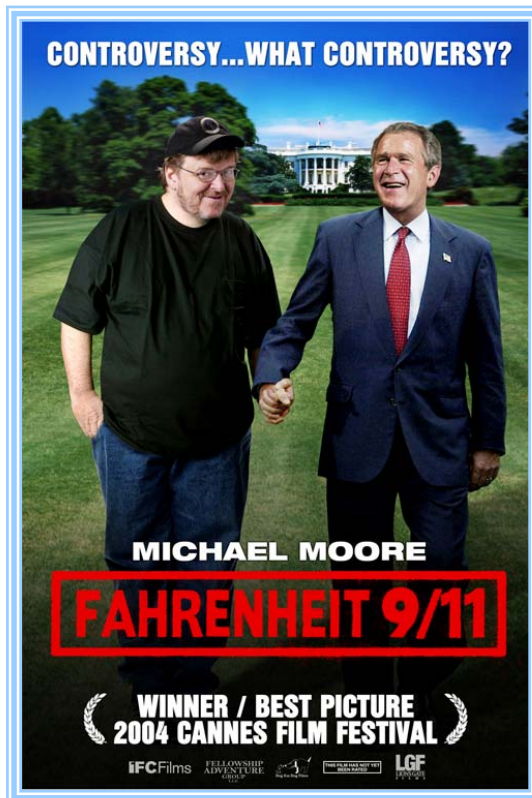
Cada integrante do grupo recebeu uma cópia do documentário para assistir quantas vezes fossem necessárias de forma cômoda e de acordo com a sua disponibilidade. No entanto, a primeira experiência com *Fahrenheit 11/09* foi coletiva. Mesmo aqueles que já conheciam o documentário assistiram novamente ao produto junto com toda a equipe, para que ficássemos atentos aos comentários, às observações feitas durante o filme e até mesmo às dúvidas de conteúdo que surgissem. Primeiramente, observamos, qual foi o impacto, a recepção do filme dentro de nossa equipe.

A escrita da parte teórica foi feita concomitantemente às diversas leituras do documentário cada vez que este era visto.

A seleção do conteúdo a ser apresentado em sala foi discutida coletivamente, bem como a delimitação do tema a ser tratado. Foi importante e enriquecedor ouvir as diversas opiniões até que chegássemos a um acordo temático e de enfoque do conteúdo.



Depois de todo o trabalho de análise e entendimento do documentário, veio a etapa de sintetizar o conteúdo para a apresentação e montagem do material necessário para visualização em sala de aula. É importante ressaltar que tentamos pensar a melhor forma de apresentar o filme à classe, visto a sua densidade de conteúdo e a relevância de cada cena para entendimento do filme e dos fatos históricos apresentados. Nesse sentido, optamos por exibir o trailer do filme, com o intuito



de dar uma visão panorâmica do produto a ser trabalhado posteriormente, além de contextualizar com imagens do próprio filme vários dos tópicos apresentados, como foi feito na análise histórica, para que as pessoas que assistiram à apresentação percebessem com clareza “o casamento” cinema e história.

Além dos aspectos de conteúdo, o visual também foi bastante primado pela nossa equipe, visto que se trata de um recurso didático, e que, se bem utilizado, pode facilitar o entendimento e a absorção dos fatos em questão.

O nosso intuito foi construir uma análise do documentário de forma minuciosa e cuidadosa, considerando-se o vasto conteúdo do filme, com informações precisas e polêmicas.

Em se tratando de um filme de difícil absorção, foi necessário assisti-lo diversas vezes para melhor analisar cada detalhe e cada intenção do roteirista em suas escolhas e delimitações.



O recorte do tema foi feito a partir do desejo dos integrantes do grupo de analisarem a percepção da sociedade americana a respeito do que eles viveram com o ataque às torres gêmeas e o que certos grupos e pessoas sugerem sobre o assunto (“a verdade”), em nossa opinião, um dos focos do filme produzido por Moore.

Antes de apresentar o trabalho, todo o conteúdo foi revisto, com o intuito de conferir a totalidade dos assuntos tratados durante a preparação e elaboração do trabalho. Todos os integrantes do grupo fizeram releituras dos textos, manifestando opiniões e lembrando discussões feitas durante o processo de elaboração.



Ficha Técnica

- Título Original: *Fahrenheit 9/11*
- Gênero: Documentário
- Duração: 122 min
- Ano de Lançamento (EUA): 2004
- Faixa Etária: 14 anos no Brasil e 17 nos EUA.
- Site Oficial: www.Fahrenheit911.com
- Estúdio: Miramax Films / Lions Gate Films Inc. / Fellowship Adventure Group / Dog Eat Dog Films
- Distribuição: Lions Gate Films Inc. / IFC Films / Europa Filmes
- Direção: Michael Moore
- Roteiro: Michael Moore
- Produção: Jim Czarnecki, Kathleen Glynn e Michael Moore
- Música: Jeff Gibbs e Bob Golden
- Fotografia: Mike Desjarlais
- Edição: Kurt Engfehr, Todd Woody Richman e Chris Seward



Sinopse

Dirigido pelo cineasta estadunidense Michael Moore, que também foi o roteirista e narrador do filme, *Fahrenheit 11 de setembro* faz uma “dura” análise da administração do governo George W.





Bush, sobretudo no contexto dos trágicos eventos de 11 de setembro. Moore, o tempo todo, ataca a presidência de George W. Bush e tenta mostrar para onde o governo Bush está levando a sociedade americana. Busca mostrar como e por que Bush evitou associar o 11 de setembro aos sauditas; como uma nação é mantida em medo constante e uma abrupta guerra rumo ao Iraque é “justificada” e executada. *Fahrenheit 11 de Setembro*, através da história que conta, ilustra como ficou a sociedade americana apontando o preço que aquela população teve de pagar por conta de uma história mal contada que foi o 11 de Setembro.



Produção x Recepção

Michael Francis Moore nasceu em Flint em 23 de abril de 1954 e é um cineasta-documentarista e escritor estadunidense. Tornou-se conhecido principalmente por seu apoio à postura social-democrata e sua crítica intensa à George W. Bush, em todas as esferas (política, pessoal, etc).

Seu estilo de ser e filmar, bastante notório ao longo de todas as suas produções, fica ainda mais claro neste documentário. Moore, com uma pitada de humor e provocação, sente-se na obrigação de revelar os fatos a uma sociedade americana alienada. Para tanto, constrói um documentário praticamente perfeito em termos técnicos de edição e construção cinematográfica, dentre os quais não podemos deixar de falar da utilização da trilha sonora que se destacou dando suporte às ironias e provocações feitas no filme.

Moore deixa claro de que lado está. Ele não esconde que o seu filme é, além de tudo, uma arma política e ideológica na luta contra Bush.

Ainda ao longo de todo o filme, Michael propõe perguntas constrangedoras e diretas aos espectadores sem a menor vergonha de se expor e propor reflexões que dão “aparentemente” um nó na garganta.

Foi através desse tratamento todo especial dado a *Fahrenheit* que Michael Moore buscou, o tempo todo, revelar os acontecimentos seguintes ao 11 de Setembro como a guerra no Iraque e a rede de fatos que levaram a essa realidade para desmoralizar George W. Bush, e impedir sua reeleição. Para lamentação de Moore, a reeleição não pôde ser evitada. Segundo ele, os americanos queriam a verdade apesar de outros tantos quererem escondê-la. *You've put a huge light on this and many people want the truth and many want to put it in the closet, just walk away* (“Você pôs uma luz enorme nisto e muitas pessoas querem a verdade e muitos desejam colocá-la no armário, só deixe ir” - Moore em seu discurso na premiação de Cannes).





O título do filme faz referência ao livro *Fahrenheit 451* (233°C, que representa a temperatura que arde o papel), escrito em 1953 por Ray Bradbury. Não deixa também de fazer alusão à “temperatura” que aumentava no país, queimando não só papéis, como também pessoas.

A história de *Fahrenheit 451* se passa em um futuro não muito distante, em que uma sociedade totalitária é controlada pela “Família”. Escrito em 1953, Ray Bradbury aborda o futuro e o controle da sociedade por um governo ou uma classe. Este livro trata-se de uma distopia (utopia ao contrário), como *1984*, de George Orwell. No universo dos dois livros, ler é uma atividade proibida. O título *Fahrenheit 451* se refere justamente à temperatura em que o papel arde e se consome. O personagem principal é um bombeiro encarregado não de apagar incêndios, mas de queimar livros. Com um texto que condena não só a opressão anti-intelectual nazista, mas principalmente o cenário dos anos 1950, o livro de Bradbury revela apreensão de uma sociedade opressiva e comandada pelo autoritarismo do mundo pós-guerra.

Podemos perceber que na sociedade americana atual acontece o mesmo que acontecia com a sociedade em *Fahrenheit 451*, no que tange à manipulação sofrida pelo povo. No contexto histórico do filme de Moore, não se queimam livros como no de Bradbury, mas se queimam documentos oficiais, confidenciais, escondidos e manipulados, assim como as informações que seriam suficientes para que a população americana negasse de uma vez por todas o governo ao qual está submetida.

Moore sempre se mostrou engajado e envolvido com questões políticas e produções polêmicas. Por exemplo, podemos listar outro documentário feito por ele chamado *The Big One* (“O grande”, 1997), no qual divulgou as tramas das grandes empresas e dos políticos e que culminou obrigando a multinacional Nike a deixar de utilizar crianças como força de trabalho barata na Indonésia. Ou mesmo, *Bowling for Columbine (Tiros em Columbine)* de 2002, onde aborda a obsessão ao redor das armas nos Estados Unidos da América, relacionando-a com o Massacre de Columbine, ocorrido numa escola.

Entre os livros que publicou, estão:

- Cara, Cadê Meu País?
- Cartas da Zona de Guerra: Algum Dia Voltarão a Confiar na América?
- O Filme *Fahrenheit 11 de setembro*
- Stupid White Men: uma Nação de Idiotas

Na sua lista de filmografia encontramos:

- 2007 - SiCKO (Filme sobre o sistema de saúde norte-americano)
- 2004 - *Fahrenheit 11 de setembro*





- 2002 - Bowling for Columbine (Tiros em Columbine)
- 1998 - And Justice for All (E justiça para todos)
- 1997 - The Big One (O grande)
- 1995 - TV Nation 2 (TV Nação)
- 1995 - TV Nation
- 1985 - Canadian Bacon (Operação Canadá)
- 1992 - Two Mikes Don't Make a Wright
- 1992 - Pets or Meat: The Return to Flint (Animais ou Carne: O Retorno a Flint)
- 1989 - Roger & Me (Roger e eu)

Dentro da sua intenção de mexer com a opinião pública através do seu documentário, Moore ainda foi mais longe: o trabalho de *Fahrenheit* não ficou limitado à construção do filme. Moore também produziu um guia para os professores americanos, pensando em uma maneira de orientá-los diretamente como usar o *Fahrenheit 9/11* da melhor maneira possível, explorando ao máximo o conteúdo do filme com seus alunos. “Fahrenheit 9/11 Guia do Professor” – *The Teachers’s Guide*. Como consta no site oficial do filme, esse projeto foi proposto para “ajudar os alunos a desenvolver uma capacidade crítica e analítica, perspectiva histórica e aplicar ferramentas matemáticas que abrirão suas mentes para além os dados escondidos em *Fahrenheit 9/11*”.

Apesar de ter sido construído voltado para os professores e escolas americanas, quem tiver interesse pode acessá-lo no site oficial de *Fahrenheit*, onde o guia está disponível para download no formato PDF.

Essa foi mais uma maneira encontrada por Moore para atingir a sociedade americana e levá-la a refutar Bush e seu governo conclamando ainda mais enfaticamente a participação do professores: “So, go do that magic we call education! And, be sure to share, share, share! We would love to hear from you. Send your feedback or ideas to share with other educators to: teacher@michaelmoore.com” - [Portanto, vá e faça aquela magia que chamamos educação! E, compartilhe! Nós amaríamos ouvir de vocês. Envie seu *feedback* ou idéias para compartilhar com outros educadores para : teacher@michaelmoore.com]

Michael Moore fez questão que o filme chegasse aos cinemas americanos meses antes das eleições presidenciais, de forma a influenciar o eleitor a não votar em Bush. O filme foi lançado nos Estados Unidos em 25 de junho de 2004 e as eleições só aconteceriam em novembro do mesmo ano.

Quanto ao seu faturamento, o filme também chamou atenção: *Fahrenheit* entrou para a história da indústria cinematográfica como o documentário de maior arrecadação de bilheteria nos EUA. As cifras chegaram a mais de vinte e um milhões de dólares nos três primeiros dias de exibição. Tal



faturamento tem relação com outros fatos: o documentário esteve em cartaz no maior número de salas de cinema nos Estados Unidos em toda a história. Em sua semana de lançamento, o filme esteve em cartaz em 868 salas, sendo que na 3ª semana já estava em exibição em 2011 salas. (Fonte: Site “Adoro Cinema”)

Esses dados, aliados às premiações conquistadas pelo documentário que serão apresentadas mais à frente, mostram que, apesar da polêmica e dúvida em relação à veracidade e validade do documentário, as pessoas não pareceram se incomodar e foram assistir ao filme.

O documentário que traz fortes críticas ao presidente dos Estados Unidos ganhou o principal prêmio do Festival de Cinema de Cannes de 2004 – a Palma de Ouro, onde foi aplaudido pela platéia por aproximadamente 20 minutos (um recorde). Além disso, ganhou também o prêmio FIPRESCI – da Federação Internacional de Críticos de Cinema e na premiação do People’s Choice Awards, *Fahrenheit 11 de setembro* foi eleito o Melhor Filme do Ano (19/01/2005).

No Prêmio Framboesa de Ouro 2005 - prêmio cinematográfico, paródia do Oscar, que premia só os piores filmes produzidos ao longo de um ano- , o presidente dos Estados Unidos George W. Bush conquistou o prêmio de pior ator por sua performance no documentário “*Fahrenheit 11 de Setembro*”, apresentado na maioria das vezes como manipulador, sarcástico, irresponsável e “incompetente” como pessoa e como presidente de uma nação amedrontada. A postura de Bush não foi, em momento algum, a esperada para um chefe de estado . Motivos não faltaram aos internautas que votaram nele. O longa levou mais três prêmios, todos destinados ao seu “elenco”: pior ator coadjuvante (Donald Rumsfeld, secretário de defesa), pior atriz coadjuvante (Britney Spears, por expressar seu apoio ao governo Bush) e pior dupla (Bush e Condoleezza Rice).

Fahrenheit só não concorreu ao Oscar de melhor documentário de 2005 porque Michael Moore teve de abrir mão da disputa para que o filme pudesse ser exibido na TV americana antes das eleições presidenciais dos Estados Unidos. De acordo com as regras da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, a condição para que o documentário pudesse concorrer era ele não ser exibido na TV até 6 meses após seu lançamento nos cinemas, o que não aconteceu. (Fonte: Site “Adoro Cinema”)

Contexto Histórico

O filme *Fahrenheit 9/11* aborda vários elementos históricos que culminaram na Guerra do Iraque. A narrativa de Michael Moore inicia explicitando o contexto das eleições estadunidenses de 2000. Os candidatos, em tal ocasião, eram o republicano George W. Bush e o democrata Al Gore. Todas as emissoras davam Al Gore como favorito, mas a *Fox News*, então dirigida por um primo de

Bush, anuncia que o vencedor era George W. Bush. Ficou a dúvida sobre a legitimidade daquela eleição por conta da suspeita de fraude. Devido a uma manobra política e de influências, a eleição de Bush foi validada e ele tomou posse como novo presidente dos Estados Unidos em 20 de janeiro de 2001.

Devido às manifestações contra a validade da eleição, o desfile de posse foi interrompido e Bush marcado como o primeiro presidente eleito dos EUA a não poder descer do carro oficial e fazer seu caminho a pé, em meio ao povo até a Casa Branca, já que seu carro era bombardeado por ovos vindos de manifestantes. Gregory Palast, em seu livro, “A melhor democracia que o dinheiro pode comprar”, retrata com riqueza de detalhes os envolvimento do presidente Bush nas eleições de 2000 e questiona também a validade do processo diante das ligações do presidente com os responsáveis pela apuração e contagem dos votos. A realidade das eleições dos EUA também foi discutida no artigo “Estados Unidos: eleições 2000”, apontando que há uma injustiça no processo eleitoral; tal observação é feita com bastante cuidado, analisando toda a construção do processo em questão.

De acordo com o jornal *Washington Post*, nos 8 meses anteriores ao atentado do 11 de setembro, Bush ficou 42% desse período em férias, apesar deste ter sido também um momento conturbado, pois ele não conseguia nomear juízes, tinha dificuldade em aprovar leis e seu índice de aprovação popular diminuía.

Em 06 de agosto de 2001, especialistas do governo entregaram a Bush relatórios que continham informações sobre ataques terroristas em território norte-americano, mostrando que Osama Bin Laden pretendia atacar os EUA seqüestrando aviões. Os documentos foram ignorados porque o tema foi considerado de pouca relevância por membros do governo e Bush nem chegou a ter conhecimento sobre os relatórios.

Como foi mostrado nas cenas do documentário, no dia 11 de setembro de 2001, o presidente Bush estava cumprindo sua agenda, em mais uma manobra publicitária, lendo histórias infantis para alunos de uma escola da Flórida, quando recebeu a notícia de que aviões haviam se chocado com as torres gêmeas do *World Trade Center*, e outro havia caído no Pentágono. Foi o maior ataque estrangeiro em solo americano, totalizando cerca de 3 mil mortos, além do impacto ideológico, pois os alvos eram centros financeiros e militares dos EUA. A rede terrorista *Al Qaeda*, que tem como líder o saudita Osama Bin Laden, assumiu a autoria dos ataques, e em 12 de setembro, Bush anuncia que o Iraque está ligado àqueles acontecimentos.

Nos dias que se seguiram aos ataques terroristas, o trânsito aéreo norte-americano parou. Porém, 142 pessoas de origem saudita saíram do país sem sequer serem interrogadas, sendo que 24 delas eram parentes de Bin Laden. Em 13 de setembro, Bush participa de um jantar na Casa Branca com o embaixador saudita nos EUA, essa é mais uma das contradições que o roteirista evidencia em

sua produção. Como aquilo era possível? Os depoimentos colhidos por Michel Moore e, especialmente, as orientações sobre os procedimentos jurídicos que eticamente deveriam ter sido tomados na ocasião, trazem a quem assiste ao documentário algumas evidências que a relação entre Bush e Bin Laden mostrava-se no mínimo discutível.

A resposta para essa pergunta vem com o filme mostrando a relação antiga da família Bush e de seus aliados com membros da família Bin Laden, a segunda maior fortuna da Arábia Saudita. Daí, mais um dado significativo: em três décadas, os Bin Laden investiram cerca de US\$ 1,4 bilhões de dólares nos Bush e “amigos”.

Após quatro semanas dos atentados, os EUA iniciam uma ofensiva militar no Afeganistão, pois Bush alegava que o governo talibã abrigava e dava apoio a Osama Bin Laden. O curioso é que os talibãs, considerados agora como inimigos, em 1997, quando Bush era governador do Texas, estiveram no estado em contato com ele e seu vice-presidente, Dick Cheney, dirigente de uma petrolífera na época. O propósito do encontro era a construção de um gasoduto no Afeganistão que conduziria gás natural do Mar Cáspio. A empresa de Dick Cheney era quem detinha o contrato de exploração no Mar Cáspio. Em 19 de março de 2001, um ministro talibã também esteve nos EUA e se reuniu com autoridades do governo norte-americano, o que mostra que a relação norte-americana com os talibãs é antiga. Em meados dos anos 80, os EUA apoiaram os afegãos contra a invasão soviética. Todo esse vínculo entre os sauditas e o governo Bush (pai e filho) é mostrado, e ironizado no filme, seja pelas músicas selecionadas, seja pelo ritmo das cenas, cortes, ou ainda pela própria seleção de imagens feitas por Michael Moore.

Após a fácil vitória do exército norte-americano no Afeganistão, que destituiu o governo Talibã, Bush nomeia os dois novos dirigentes do país, ambos ligados a uma empresa petrolífera norte-americana, a *Unocal*.

A partir do fim da guerra do Afeganistão, Bush adota a política do medo, utilizando da propaganda em massa contra o terrorismo. Era a “guerra contra o terror”. Nas vésperas de Natal de 2002, o alerta de perigo assustava os cidadãos norte-americanos. Era uma tática do governo, pois o presidente Bush tinha agora um novo plano em mente: invadir o Iraque de Saddam Hussein e, para isso, precisava de apoio popular.

No dia 19 de março de 2003, às 22 horas e 11 minutos, num pronunciamento em rede nacional, Bush anuncia que o Iraque está sob ataque norte-americano, alegando que Saddam representa perigo aos EUA porque possui depósitos de armas químicas. O estranho é que, em fevereiro de 2001, relatórios norte-americanos afirmavam que o Iraque não possuía armas de destruição em massa e era incapaz de intervir nos países vizinhos. Outro relatório, de julho do mesmo ano, dizia que o Iraque era um país fraco militarmente. Quatro dias após os ataques se iniciarem, a imprensa norte-

americana fala de um “novo Vietnã”. As baixas do exército norte-americano no Iraque são consideráveis, mas a mídia omite, exaltando sempre as vitórias. Em 15 de abril de 2003, um general norte-americano, porta-voz do Comando Central dos EUA., diz que a guerra estava chegando ao fim, mas Saddam e seus filhos ainda não haviam sido capturados. Até o fim das filmagens do documentário, em 2004, havia ainda um elevado número de tropas norte-americanas no Iraque, o que é realidade até os dias atuais.



História do Filme

Em 23 de março de 2003 acontecia a 75ª edição do Oscar. Naquele dia, Michael Moore recebia o prêmio de melhor documentário pelo filme *Tiros em Columbine* e, ao invés de agradecimentos, o diretor fez um discurso contra o governo de George W. Bush.

A idéia de gravar o *Fahrenheit 11/09* surgia então a partir do discurso daquela noite. Michael Moore queria impedir a reeleição de George W. Bush. Em 28 de março de 2003, a *Icon Productions*, produtora de filmes norte-americana, anuncia que irá financiar o novo projeto de Michael Moore, já intitulado de *Fahrenheit 11/09*. Em 13/05/2003 a *Icon Productions* desiste do projeto, temendo a repercussão que o filme poderia causar. A *Miramax* assume o projeto, e logo surgem protestos de organizações conservadoras norte-americanas contra o documentário.

Em 06 de maio de 2004, com o documentário já filmado, Michael Moore fora informado que a Disney não tinha permitido que a *Miramax* distribuísse seu filme, segundo Moore, temendo retaliações do governo. Em resposta, a Disney alegou que queria permanecer isenta politicamente antes das eleições. Para Moore, o verdadeiro motivo estava relacionado a isenções fiscais no estado da Flórida, onde seu irmão governava, Jeb Bush.

Em 08/05/2004, *Fahrenheit 11/09* é anunciado como um dos selecionados no Festival de Cannes, na França e, em 18 de maio de 2004, o documentário é exibido naquele festival, sendo ovacionado pela platéia por cerca de 20 minutos, um verdadeiro recorde.

A partir daí, a *Fellowship Adventure Group* recompra os direitos de distribuição do filme e anuncia que *Fahrenheit 11/09* estrearia nos cinemas em 25/06/2004.

Mas, por causa do seu teor polêmico e comprometedor a respeito do governo norte-americano e do receio que estava despertando nas autoridades, não faltaram tentativas de impedir a divulgação do documentário. No mesmo dia em que o filme estreou, a Comissão Federal Eleitoral dos EUA proibiu a transmissão de comerciais via rádio e televisão de documentários que fizessem referências a candidatos políticos um mês antes das votações primárias, marcadas para novembro. Esta ação inibiu campanhas do filme e seu posterior lançamento em DVD, previsto para outubro.



Apesar do forte apelo de *Fahrenheit 11/09*, que mostra inúmeros erros, negligências e atos irracionais do governo, George W. Bush é reeleito presidente dos EUA, após uma acirrada disputa com o democrata John Kerry, garantindo o mandato até 2008. Segurança nacional e a guerra no Iraque foram os grandes temas da campanha, uma das mais caras da história.

Ainda com a intenção de disseminar seus ideais e seu próprio produto, fugindo da tentativa de “censura” feita por parte de várias instâncias do governo, Michael Moore disponibilizou em maio de 2004, seis meses antes das eleições, o download do seu filme na internet. “Fiz este filme porque quero que o mundo inteiro mude. Quanto mais pessoas assistirem, melhor”, afirmou o roteirista.

No Brasil, o filme estreou em dia 23 de julho de 2004.



Técnicas Usadas

Analisando os aspectos mais técnicos da construção do documentário, podemos observar que foram feitos trabalhos extremamente elaborados e uma edição praticamente “impecável”. Todas as técnicas usadas em *Fahrenheit* são muito bem estruturadas, fazendo com que os fatos mostrados realmente atinjam o espectador de alguma forma.

Algumas técnicas observadas:

Iluminação

Em sua maioria, as imagens são claras, com ambientes bem iluminados, uma forma de mostrar a realidade sem esconder nenhum detalhe e de fazer o assunto ser bem compreendido. As imagens com uma quantidade de luz menor geralmente retratam os dias chuvosos, nublados, ou quando buscam transmitir para o espectador climas de protesto e tristeza (como no dia da eleição do presidente Bush).

Trilha Sonora

Um dos fatos que mais chamam atenção no filme é a trilha sonora, usada para realçar os tons da narração, principalmente para ressaltar a ironia ou dar um tom trágico aos fatos mostrados. O ritmo country, na maioria das vezes, é usado para caracterizar o presidente George W. Bush, ironizando suas atitudes. Quando o tom é mais sério, usam-se músicas instrumentais e lentas, ou até mesmo nenhuma música. Estas, também são usadas como fundo para assuntos que precisam chamar a atenção ou causar a comoção dos espectadores.

Na maioria das vezes, quando possuem letras, as músicas utilizadas retratam perfeitamente a crítica do momento. São usadas, por exemplo, trilhas de desenhos animados enquanto aparecem imagens do período de férias de Bush. Essas músicas, em grande parte, são conhecidas do público (de outros filmes, desenhos animados, etc.), o que deixa a crítica mais profunda, a revolta maior.

O recurso também é usado sozinho (background ou BG). Apenas sons do ambiente, sem imagens, criam um clima diferenciado, fazendo o espectador pensar sobre a situação ou até se sentir parte do momento retratado de uma forma mais dramática, com a clara intenção de comover, chocar.

Percebemos a intencionalidade do roteirista também nesses aspectos auditivos, que chamam a atenção do espectador, envolvem-no e prendem a sua atenção para a continuidade das cenas.

Tomadas de Câmera

Assim como a trilha sonora, as tomadas seguem o ritmo da narração. Quando o tom é de ironia, por exemplo, os personagens aparecem em close-up falando, rindo, etc.

Em grande parte, as cenas já foram filmadas anteriormente, o que significa que muitas delas foram capturadas por telejornais, programas de televisão, gravações amadoras. Esse fato garante ao filme credibilidade. Por exemplo, algumas cenas mostram coisas que os telespectadores não ficariam sabendo em qualquer outro tipo de produção cinematográfica ou fatos que a imprensa não coloca no ar: protestos contra Bush no dia da eleição; pessoas do governo se maquiando e rindo antes de uma entrevista, dando a impressão de descaso e de falsidade, etc.

Movimentos em câmera-lenta são usados para revelar a desorganização como uma das principais características do presidente Bush, para criar um sentimento de desprezo, ou de "é isso mesmo que estou vendo e escutando?" nas pessoas que assistem.

Cortes

Os recursos de corte são pensados e usados estrategicamente para acentuar a ironia dos fatos narrados e, logo em seguida, trazer uma informação densa. Esse aspecto refere-se à construção feita do presidente e da situação em questão, da sua inércia diante dos fatos e até mesmo para revelar os jogos de interesses existentes entre os EUA e os sauditas.

No início do filme, enquanto algumas informações escritas são mostradas, imagens são apresentadas, proporcionando no espectador um sentimento de estar descobrindo algo impactante e que mudará a vida de todos. Esses cortes estimulam o espectador a querer saber realmente o que aconteceu e quem realmente é George W. Bush e seu governo.



Apesar do ritmo frenético, muitas tomadas não sofrem cortes bruscos, deixando que a cena se desenrole e mostre informações geralmente escondidas pelas técnicas de decupagem.

Decupagem

A decupagem torna o documentário dinâmico. Antes mesmo de o filme começar, existe uma longa exposição de imagens e de narração com diversas informações. Assim, quando o filme realmente começa, com a tela escura para remeter-se ao momento do ataque às torres, os espectadores já têm muitos dados a respeito do contexto que será relatado mais adiante, e são levados a ter a sensação de que ainda “não viram nada”, que existem muitos outros fatos a serem revelados.

A decupagem também é responsável por causar sensação de frustração, de que tudo o que o filme mostra aconteceu, passou e ninguém percebeu ou deu importância. Sendo assim, é preciso que estes espectadores façam alguma coisa ou fiquem mais atentos aos fatos.

Cenas que normalmente o autor de um filme deveria ter cortado, na decupagem também são mostradas – como uma intervenção policial para averiguar a intenção do documentário diante da Embaixada da Arábia Saudita – o que reforça a idéia de que o filme mostra a realidade.

Técnicas de Montagem

As técnicas de montagem das cenas tentam mostrar tudo o que a equipe do governo Bush tentou esconder até hoje, ou mostrar fatos que não receberam a atenção necessária por parte das pessoas. Essas imagens conseguem propor comparações entre vários fatos ocorridos anteriormente e, também, comparações entre personagens (Bush chega a ser comparado com uma criança através dessa técnica).

Entre a narração e as imagens ilustrativas, são usados arquivos de jornais televisivos ou impressos da época e documentos como legitimadores das informações contidas no filme.

Algumas cenas de filmes antigos são encaixadas no roteiro, como se quisessem reforçar a crítica de que o governo sabia que os ataques iriam acontecer, mas não fizeram nada – “acontece até em filmes e eles não quiseram fazer nada”.

Seqüência





As imagens são exemplificativas da narrativa: o que está sendo dito, as denúncias e fatos são comprovados através das seqüências mostradas.

Às vezes, os fatos narrados nem apresentam respostas. As várias perguntas irão levar o espectador a criar a seqüência em sua cabeça e propor uma constante reflexão.

Percebe-se, ainda, muita sátira durante a apresentação do conteúdo do filme.

Planos

Uma observação curiosa sobre os planos é que, quando tentam mostrar bem as feições nos rostos – principalmente as do Bush no momento em que algo importante está acontecendo – são bem fechados, em close-up ou primeiro plano (como se quisessem revelar os pensamentos que o personagem estaria tendo naqueles momentos ou mostrar expressões patéticas de Bush). Mas em geral, os planos não são controlados ao extremo, pois, como dito, a maioria das imagens foram capturadas de outros meios e vieram praticamente prontas, ficando sujeitas somente à habilidade irônica e satírica de Moore ao tratar o assunto, principalmente se o enquadramento for Bush.

Ritmo

O espectador não possui muito tempo para pensar sobre os fatos. As cenas escolhidas, as músicas e a narração tornam o filme muito dinâmico, de maneira que é preciso ficar extremamente atento, para não perder detalhes.

O ritmo se apresenta calmo quando precisa mostrar o descaso de Bush em relação aos ataques e acelerado, quando mostra uma seqüência de informações importantes, que ninguém prestou atenção ou sabia.

Roteiro

O título do filme sugere uma abordagem sobre os ataques terroristas de 11 de setembro, mas o filme (o seu conteúdo propriamente dito) trata de diversos fatores em torno dos ataques que se relacionam, mostrando a grandeza da situação. É como se os ataques fossem uma “pontinha” de uma grande quantidade de acontecimentos relacionados ao presidente Bush, o seu governo e a sociedade americana.

Podemos, ainda, dividir o filme em duas partes: uma muito informativa (mais informações do que imagens) e uma mais ilustrativa (mais imagens do que informações). A segunda parte é mais impressionante para o espectador e relaciona-se ao período de intervenção dos EUA. no Iraque.





A maioria das falas dos "personagens" é direcionada para a câmera, para o espectador, como se tudo estivesse na cara dele e ele não tivesse visto antes. Um exemplo é o apelo dos parentes dos atingidos pelo ataque de 11 de setembro, pedindo ajuda para procurar pelos familiares (apelo sentimental).

A narrativa sobre as atividades do presidente Bush enquanto aconteciam os ataques é calma, sem preocupações ou agitações, como se o presidente também não estivesse se preocupando, ou não estivesse levando a sério. A idéia veiculada é que para o presidente, o ataque às torres gêmeas (avisado por um de seus assessores) não representava perigo, ou não despertava o interesse do presidente, esse fato é validado pela falta de atitude de Bush.

Em algumas partes, existe apenas o diálogo do narrador com o espectador, mas é como se a população mundial estivesse em contato e pensando a mesma coisa ao mesmo tempo, o que cria uma cumplicidade entre as pessoas, que estão do lado oposto ao do governo americano. Isso acontece, por exemplo, com as inúmeras perguntas que o narrador faz ao espectador; algumas ele responde, outras, induz a um pensamento, ou simplesmente deixa a questão no ar por conta do espectador tirar suas próprias conclusões.

É nesse contexto que algumas suposições também são feitas, enquanto imagens do presidente passam. São do tipo "será que ele pensou que...". O narrador chega até a repetir os fatos colocados a pouco, para reforçar a importância, dizer "sim, é isso mesmo que vocês estão escutando".

Como a informação é passada através dos elementos

Informações ganham credibilidade por causa de suas fontes (jornais, telejornais, pessoas conhecidas e respeitadas, pessoas próximas a algum dos personagens e etc.).

Estética

As cenas, mesmo sendo muito fortes, muito bem escolhidas para retratar os fatos narrados formam, junto com a narração, um conjunto denso de informações.

Cenário



São usados lugares familiares e comuns do dia-a-dia americano, que proporcionam a sensação de que os fatos condizem com a realidade e não com a ficção. O retrato de cenas corriqueiras pretende inserir o espectador no contexto mostrado e atentá-lo para o fato de que as informações são verídicas.



Análise dos Personagens

A análise dos personagens feita nesse trabalho é baseada nas informações e conceitos de Marc Ferro, e na estrutura proposta por Syd Field em seu artigo Manual do Roteiro. Procuramos selecionar personagens do documentário *Fahrenheit 11/09* que caracterizassem a sociedade e nos dessem embasamento para identificar o perfil americano.

O trecho: “E os comunistas compreenderam perfeitamente que na era visual não é mais possível mentir” (FERRO,1992) mostra claramente que a produção do documentário de Michael Moore utiliza a idéia dessa afirmativa para convencer os espectadores de que as informações contidas no seu documentário são verídicas e facilmente comprovadas. Através do filme, ele revelou a verdadeira face de cada personagem da política, da economia e da sociedade norte-americana.

A definição das necessidades dos personagens apresenta-se como característica relevante para o entendimento da importância e contextualização dele no filme. Através dessa definição, conseguimos visualizar o que impulsiona o personagem para a resolução da história retratada no filme. Portanto, a forma como o personagem vence os obstáculos que aparecem no decorrer da trama caracteriza a sua própria história.

É importante lembrar também que os personagens interagem não só com outros na trama, mas também consigo mesmo e na experiência de conflito vivida. Nesses aspectos, centralizamos nossa análise para obter uma forma que mais se aproxime da caracterização verdadeira de cada personagem.

Personagens

George Walker Bush: presidente dos Estados Unidos, eleito em 2000 por um processo eleitoral que é contestado logo no início do documentário.

Sua imagem é caricaturada, aparece várias vezes sorrindo, com atitudes muitas vezes enigmáticas, a começar pelas expressões facilmente observadas no início da produção de Michael Moore. É apresentado como um empresário frustrado, que sempre levou suas empresas à falência e descrito (ou relatado) como um governante de forma bestializada.

A partir do recorte temático analisado nesse trabalho, percebemos que ele se intitulava como o presidente da guerra, aquele que iria salvar o povo americano do terrorismo. Porém, o que se percebe



é que seus discursos conduziram o povo ao medo, à insegurança, à desconfiança, à cegueira. Pregando o amor à liberdade e cerceando os americanos desse direito, fala: “Minha missão é proteger a pátria!”

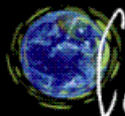


revela a imagem que Bush construiu a seu respeito. Além disso, a imagem sustentada por Michael Moore a respeito do presidente visa a todo o tempo ridicularizá-lo e colocá-lo na posição passiva, um “bobo”, alguém que não se preocupou muito, ou não fez muito pelo país, apesar de seus discursos e do seu cargo.

Em seus discursos, conduzia o povo americano a odiar Saddam. Dizia: “Sabemos que eles têm armas químicas”. Essa fala, com sujeito indeterminado pode gerar dúvidas, o presidente não afirma quem sabe do fato, e o introduz na sociedade como sendo algo real e verdadeiramente correto. Essa pode ser vista como uma estratégia funcional da intenção do presidente de se mostrar como o defensor de algo que ele mesmo construiu. Ele é comparado aos xerifes do Texas (sua cidade de origem).

É essa a imagem do presidente, aquele que realmente sabe o que faz, que tem consciência de cada medida. Por ter instalado a onda de medo nos EUA, o povo confiava plenamente no que ele dizia. Havia credibilidade em suas falas.

Ao referir-se aos ideais americanos, Bush conquistava o povo, e validava ainda mais sua idéia de protetor do “povo atacado”. “Esse homem não defende o que defendemos. Ele odeia a liberdade, ele tentou matar meu pai”. Essa última fala do presidente revela um motivo pessoal para a invasão ao



Iraque, algo que não justifica uma medida de um chefe de Estado. Afirmo que a morte dos soldados foi por uma causa justa, defendendo a liberdade.

No recorte feito, a necessidade do presidente é manter as suas relações políticas, para isso utilizou de vários recursos, como por exemplo, desviar a atenção dos americanos, amedrontá-los com a ameaça terrorista, com o intuito de trazer lucros para as empresas bélicas, etc.

No âmbito privado, George Bush mostra-se sarcástico, faz piadinhas para os seus aliados de guerra ("Minha base", a elite americana). Gosta de descansar, pescar, jogar golfe, tanto que segundo o retratado no documentário, passou os primeiros meses do governo de férias.

Na carreira profissional de empreendedor, teve várias decepções seguidas de falência das empresas que presidiu.

Assume uma posição tida como infantil, uma disputa desmedida de forças, "Venham nos pegar".

O momento de revelação desse personagem se dá com a decisão de invadir o Iraque. Ele passa de um presidente passivo, a um personagem ativo, que quer atacar.

Michael Francis Moore (*The big man*): Nasceu em Flint, Michigan em 24 de abril de 1954. Estudou jornalismo na Universidade de Flint, e depois começou a se envolver com cinema. Também fez produções para TV.

Podemos classificá-lo como o narrador-personagem do documentário, uma vez que a narrativa é feita por ele e, além disso, Michael aparece em algumas cenas para validar sua participação e comprovar seu envolvimento com o assunto e com a causa a que se propôs defender.

O âmbito privado não é retratado no filme, ele aparece apenas como idealizador e realizador da peça. Sabemos apenas do campo profissional, em que Moore é o produtor, roteirista e diretor do documentário.

No filme aparece como contraponto de Bush, o defensor do bem. Ele milita pela causa americana, ao ponto de sair nas ruas à procura de responsáveis pela omissão do senado com relação ao "Ato Patriótico". Considera-se como educador da sociedade através de seus vídeos e, por isso, quer instruir, alertar, mostrar as suas verdades e cumprir com suas pretensões de denúncia e acusações. O recado do roteirista para a sociedade: "Americans, when they see *Fahrenheit 9/11* (2004), will see things they have never seen before." [Americanos, quando eles virem *Fahrenheit 11/9*, verão coisas que jamais viram].

Michael é identificado por sua posição de ataques a políticos e grandes corporações, sempre dando sua opinião sem rodeios e abordando temas ligados à realidade americana.



A necessidade de Michael Moore é impedir a reeleição de Bush, e assim, defender o povo americano das “enganações” do presidente. Nesse sentido, é visto como aquele que age para alertar a sociedade americana, o revelador. Seu maior obstáculo é o próprio presidente Bush e suas articulações para amedrontar o povo americano, o que os deixa cegos e, muitas vezes, impossibilitados de acreditar naquilo que é mostrado no documentário.

Uma fala de Michael Moore evidencia seu posicionamento: “Por que apareço menos no filme: Quando você tem George W. Bush como seu personagem principal, ele não precisa de ajuda como o humor. Ele tem as frases mais engraçadas e eu apenas achei um modo de ficar fora de seu caminho”. (SALEM, 2004, p.24)

A respeito do seu momento de revelação, é importante apontar que não encontramos um momento específico que simbolizasse alguma mudança de ideologia, visto que Moore apresentou, ao longo de todo o filme, uma continuidade de pensamento e de postura diante dos fatos que se desenrolavam.

Lila Lipscomb: Mulher branca, de meia-idade, moradora da cidade de Flint (Michigan), é assistente executiva (formada em Secretariado) e trabalha desde os anos de 1980 na central de contratação de empregos. Ela acreditava e lutava pela vida dos “coitados” na agência de empregos.

Dizia para os filhos que o exército é uma boa opção, pois não tinha como mandá-los para a faculdade, nem como pedir auxílio estudantil. Acreditava que se eles se alistassem teriam a oportunidade de conhecer lugares diferentes, viajar pelo mundo, estudar.

É uma americana orgulhosa de seu país, carregava a bandeira dos Estados Unidos, sempre a colocava na porta da casa, sem deixar que ela se arrastasse pelo chão. Esse ato simbólico revela a sua intenção de ter sempre o país erguido, nunca deixá-lo cair, nem mesmo os ideais pelos quais ele preza.

É consciente do esforço que os soldados fazem pelo país (o sangue derramado). Rezava pela filha e pelos outros quando estavam no Kuwait. Toda a família trabalhava no exército. Considera os Estados Unidos um grande país; identifica-se como democrata conservadora. Os seus valores de família parecem ser muito bem definidos. Ela se diz multicultural, como a cruz que carrega no peito (multicolor). Mostra-se emotiva, religiosa, fala de Jesus (tratado como Senhor, sempre invocado em momentos difíceis).

A revelação dessa personagem se dá após a morte do seu filho Michael Pedersen, na guerra do Iraque. A partir desse momento, Lila começa a relatar que fora enganada, é como se tudo em que ela acreditava ser correto tivesse se desfeito. Sua fala “Eu achei que soubesse” revela essa angústia de quem tinha propósitos e ideais para o país, que terminaram por não ser compatíveis com o seu



ideal familiar, com a vida que ela prezava, com a vida de sua família. Seu discurso anterior, de que odiava as pessoas que contestam (“sempre detestei contestadores”) passa a ser inverídico, uma vez que a própria personagem se vê contestando o governo e a situação pela qual passa.

Necessidade: a priori, é zelar pelo país (bandeira na porta de casa). Depois, acontece uma mudança radical em seu posicionamento, após a morte de seu filho. Assim, ela passa a ver, nos

movimentos pacifistas, outro significado.

Soldados: Por serem tratados no documentário como uma categoria, optamos por caracterizá-los também em seu conjunto. Não estamos desfazendo a individualidade de cada pessoa retratada no filme,



mas procurando definir esses personagens.

São jovens, idealistas, muitas vezes imaturos. Muitos deles eram recrutados de cidades pobres, sem recursos, por isso as famílias viam no exército uma oportunidade e um caminho para seus filhos.

Mostravam-se prontos para lutar, a música era para eles um fator de êxtase. Dotados de um discurso idealista, tinham como necessidade salvar a pátria, os Estados Unidos, levar o ideal americano para os povos (principalmente a “Liberdade”). O lema “Conquiste o coração e mente dos povos” sustentava a atuação dos jovens soldados. Mostram um posicionamento, muitas vezes prepotente, soberano, daqueles que vão salvar o país e levar o que há de melhor em termos de democracia e liberdade, mesmo que isso custe muitas vidas.

Com o tempo de guerra, alguns foram manifestando inquietação com a morte de tantas mulheres e crianças. Chegavam a dizer que era bem diferente do que se imaginava, mais real que um





vídeo game. Isso prova um pouco da imaturidade dos soldados, além da forma como eles se envolveram com a causa americana e com o discurso do governo. O fato de o povo iraquiano não aceitar a defesa que os soldados americanos queriam oferecer deixava-os frustrados e confusos: “Odeio esse país, porque não querem a nossa ajuda”. Esse passa a ser o obstáculo à missão dos soldados de levar o ideal de democracia e liberdade para outros povos.

Necessidade: defender a pátria, levar o ideal americano para o Iraque, mesmo sem saber por que e para quem fazem isso.

Obstáculo: o povo iraquiano não aceita a proteção que eles querem oferecer gratuitamente, são mal entendidos. A indignação deles próprios passa a se tornar um obstáculo interno para o cumprimento desta “missão”, uma vez que o cansaço e a visão de perto da guerra contribui decisivamente para a desmotivação dos soldados. Com o tempo da guerra, muitos soldados também manifestam desinteresse por aquela luta que não chegava ao fim. Diziam ser pior do que se imagina. Isso comprova que os soldados não estavam preparados para a guerra, como diziam estar logo no início.

Políticos aliados de Bush: mostram-se, a todo o momento, a favor do governo. São, na maioria das vezes, amigos do Bush pai, a base do governo, parecem não se importar muito com as atrocidades da guerra. No documentário aparecem sempre se maquiando, como se para esconder algo da população americana.

Afro-americanos: foram privados de seus direitos civis na eleição de 2000. Mesmo sabendo da dificuldade que enfrentariam, sem apoio, eles reclamam seus direitos. Têm argumentos, oratória, são ousados e decididos, conscientes daquilo que o Estado deveria lhes fornecer. Apenas não tinham o apoio de pessoas mais influentes no governo, e que quisessem lutar com eles por essa causa.

Sauditas: Michael Moore mostra que os sauditas são donos de 7% da economia americana - o que significa uma soma de US\$ 860 bilhões. O envolvimento da família Bush com as empresas árabes é mostrado com bastante clareza, e até de forma irônica (Bush dando a mão aos árabes, cumprimentando-os como bons e velhos amigos). Os sauditas chegaram até mesmo a investir na extração de petróleo no Texas, na época em que Bush era governador.

Artistas: Os artistas Britney Spears e Rick Martin, dentre outros mostrados no documentário, são retratados em cenas bem curtas, apenas para ironizar alguma situação, ou ainda, para mostrar certa alienação. Percebe-se mais uma vez, a condução de Michael Moore nas pessoas/personagens



mostradas e nas falas que escolhe. Esses personagens também compõe a sociedade americana, nosso foco de análise nesse trabalho.

Plot points

Percebemos no filme dois momentos importantes que podem ser considerados *plot points*, pois a partir deles houve mudança na narrativa ou na atitude das personagens. O primeiro é o ataque acontecido no 11 de setembro de 2001, pois significou uma mudança no contexto dos EUA e nos países direta ou indiretamente relacionados. Quanto a aspectos fílmicos, esse fato é validado com a tela preta que por um minuto “descreve” a cena dos aviões atingindo as torres gêmeas. Depois do ataque, até o presidente mudaria de posição.

Outro ponto a ser considerado é a invasão no Iraque a partir da qual os EUA passam a atacar. As acusações são mais incisivas, as denúncias mais “quentes” e a situação dos EUA também esquenta. O alerta terrorista eleva-se a sociedade americana passa a ser o alvo da política do medo.

Por se tratar de um documentário, esses dois *plot points* coincidem com os fatos de maior importância no contexto retratado.



Recepção, problemas e proezas

O filme possui uma postura extremamente contrária ao presidente norte-americano George W. Bush. Os ataques eram muito pesados, causando delírio em muitos fãs e despertando a ira de muitos dos inimigos do diretor, além de outros partidários de Bush.

Desde o início, a recepção do filme foi extremamente complexa e polêmica. Ele teve muitos problemas com produção e distribuição. Dentre eles, podemos citar o problema com a *Icon Production*, produtora do astro Mel Gibson, que financiaria o documentário, mas desistiu por motivos de imagem. Seu dono não queria aumentar a pressão que vinha sofrendo com *A Paixão de Cristo*.

Além dessa e de muitas outras questões políticas já citadas anteriormente, o filme passou por muitos outros problemas, como protestos de organizações conservadoras, censura estabelecida para 17 anos e outros empecilhos com a publicidade e o lançamento do DVD.

Aconteceu da seguinte forma: a *Motion Pictures Association of America*, responsável por classificar a faixa etária do filme, escolheu a categoria “R” como a mais adequada. Assim, menores de 17 anos desacompanhados dos pais, não seriam autorizados a assistirem ao documentário. A empresa responsável pela distribuição do longa recorreu à essa decisão, solicitando que o mesmo



fosse enquadrado na categoria "PG-13", sendo que a censura se aplicaria apenas para os menores de 13 anos. Os esforços da produtora, mesmo com a ajuda de Mário Cuomo (ex-governador de Nova Iorque), não foram suficientes, permanecendo o filme na categoria "R". Por exemplo, se você entrar em um site americano para procurar o dvd do filme para compra, verá uma mensagem como esta: **Warning:** *This product is intended for mature audiences only. It may contain violence, sexual content, drug use and/or strong language. You must be 17 or older to purchase this item. By ordering this item you are certifying that you are at least 17 years of age.* [Atenção: Este produto é direcionado apenas para adultos. Ele pode conter violência, conteúdo sexual, uso de drogas e/ou palavrado chulo. Você deve ter 17 anos ou mais para comprar este item].

Apesar dos problemas, *Fahrenheit* respondeu muito bem, batendo recorde de bilheteria já no primeiro fim de semana, além de superar *Tiros em Columbine* quanto à arrecadação.

O impacto do filme foi muito duvidoso, apesar dele ter sido, declaradamente, produzido para prejudicar a reeleição do presidente Bush. Não conseguiu, o "inimigo nº 1 do diretor Michael Moore se reelegeu afinal.

Segundo uma pesquisa feita pela BBC nas filas dos cinemas, a regra era: os que adoravam o documentário eram aqueles que já eram "anti-Bush" antes de assistirem ao filme. Os partidários do presidente, geralmente, saíam das salas cinematográficas encarando o filme como um comboio de mentiras muito bem arquitetadas.

Independentemente de posicionamentos divergentes, o filme encantou muitas pessoas não só nos EUA, mas também em outros países, a exemplo do Brasil. Michael Moore uniu fatos, investigação, mistério, humor e muito mais, num documentário muito informativo e de alta qualidade, mas, é claro, com posicionamentos parciais.

Também de outros países, vieram algumas críticas. No Kuwait, o filme foi vetado. Uma distribuidora de filmes ainda tentou recorrer e conseguir a permissão, mas não teve sucesso, sendo que permaneceu proibida a exibição do filme no país. O governo Kuwaitiano considerou o filme ofensivo à família real da Arábia Saudita.

As críticas e as barreiras ao sucesso do filme vieram de várias partes, ilustrando a tempestade que foi a recepção do documentário nos EUA e no mundo. Ao ganhar o prêmio no festival de Cannes, Moore chegou a comentar sobre uma possível conspiração por parte da Casa Branca para tentar barrar a exibição do filme. Não deu detalhes, apenas disse que "uma pessoa ligada à Casa Branca" e um "alto republicano" seriam os responsáveis por pressões contra o filme.

Não só por parte do público, Moore recebeu elogios. Grande parte da mídia também reservou um espaço para ratificar a qualidade da produção. Mas também não só por parte do governo e organizações conservadoras, Moore recebeu críticas. Como já dito, muitos partidários do governo

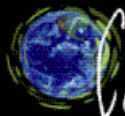


não davam a mínima credibilidade ao filme. Na imprensa também tivemos exemplos de muitos que criticavam o filme e/ou o diretor, simpatizantes de George W. Bush ou não. Um grande exemplo foi Gideon Yago, comentarista da MTV. Apesar de ter feito muitos elogios a *Fahrenheit*, ele faz algumas fortes críticas a Michael Moore, como pela maneira que ele retrata o Iraque e os soldados americanos. Há um momento em que Yago compara Moore a uma cineasta nazista: "Há alguns momentos em que Moore faz uma espécie de sensacionalismo à maneira de Leni Riefenstahl, mostrando imagens de uma criança iraquiana ferida sendo submetida a uma cirurgia na cabeça, enquanto Donald Rumsfeld fala sobre armas de alta precisão", disse Yago, referindo-se à cineasta preferida de Adolf Hitler, que fez filmes de propaganda nazista.

De certa forma, Moore realmente é um tanto quanto manipulador, e isso não se aplica apenas aos filmes. Fora das telas, também podemos observar coisas interessantes acerca do diretor.

No site oficial do produtor, ele disponibiliza para download aquilo que chama de "*Fahrenheit* 9/11 TEACHER'S GUIDE". Segundo ele, é um manual para que professores possam desenvolver com seus alunos uma análise crítica sobre o filme. Mas, como é produzido pelo próprio idealizador do filme, não há dúvida que, explícita ou implicitamente, visões próprias de Michael Moore lá estarão embutidas. Isso é uma evidência das características manipuladoras de Moore. Não que um "Teacher's guide" seja ruim, mas não se desenvolve uma análise crítica com estudantes a partir de visões e opiniões prontas e já formuladas. No guia, ele apresenta questões no início. Depois vêm descrições de fatos que ocorreram acompanhadas de questionamentos sobre os mesmos. De início, na primeira parte do guia, Moore já começa com perguntas ligadas ao sentimento em relação às imagens mais chocantes do filme, como soldados matando. Assim, o primeiro apelo já vai direto no emocional, algo muito eficiente.

Mais um exemplo das críticas, nesse quadro de recepção do documentário por parte da população, foi com o sociólogo Dave Kopel, pesquisador do *Independence Institute* e filiado ao partido democrata. Ele fez um artigo denunciando supostas 59 enganações presentes no filme de Moore. O artigo foi publicado no site do sociólogo e até hoje circula na internet. Nesse caso, Dave Kopel até cria um nome e uma capa fazendo um trocadilho com o nome do documentário de Moore. Kopel publica em seu site o "FahrenHYPE 09/11", referindo-se às supostas enganações presentes no filme. Dave Kopel publica um artigo de 4 páginas enumerando 56 mentiras e/ou fatos mal contados presentes no documentário de Michael Moore. Posteriormente, o sociólogo acrescenta mais 4. Assim, temos o artigo "The 59 deceits". De fato, *Fahrenheit*, apesar de ser um ótimo filme, não é perfeito em todas as informações que passa, mas o artigo aqui em questão também possui muitos tópicos sem muita conexão. Por exemplo, há um momento em que o sociólogo enumera uma das enganações como sendo o fato de o filme ter mentido sobre o nome do relatório que Bush teria



recebido um pouco antes dos ataques, que dizia que Osama Bin Laden planejava atacar os EUA. Se isso estava mesmo no relatório não é o ponto. A questão é que Kopel não pode dizer que o filme mentiu sobre tal conteúdo, uma vez que foram palavras da própria secretária de Estado dos Estados Unidos, Condoleezza Rice, em entrevista à imprensa.

Um fato a ser levantado é sobre a credibilidade das informações contidas no documentário. Durante a maior parte do filme Moore prova tudo que fala, com imagens de documentos, vídeos, áudio e etc. Algumas partes não ficam tão claras, deixando margem para questionamentos, como, por exemplo, a parte do filme que ele mostra Bush lendo para as crianças e afirma duas coisas: primeiro que aquele era o momento do ataque às torres gêmeas, segundo que um agente da segurança do presidente o avisa sobre o ataque sussurrando algo em seu ouvido. Aqui vemos dois pólos, pois a primeira informação é muito fácil de ser provada, apenas por ser uma questão de data e itinerário do presidente. A segunda é “um sussurrar ao pé do ouvido”, que não foi captado por gravadores nem câmeras. O que acontece é que Moore não mostra algo que confirme essas duas afirmações, apesar de que, como dito, a primeira é algo de fácil confirmação.

Num primeiro momento, podem parecer coisas sem importância, mais em uma análise mais profunda sobre o filme poderemos perceber que esse é apenas um exemplo, sendo que existem outros, não que sejam muitos. O fato é que Moore tem uma habilidade muito grande para guiar seu público durante o documentário. Mesmo algumas informações importantes que ficaram sem provas concretas passam despercebidas, pois muitas outras já foram provadas, criando uma relação de confiança entre o filme e aquele que está assistindo.

Como mostrado aqui, Michael Moore foi alvo de críticas, responsável por importantes denúncias, agraciado com muitos elogios e “culpado” por algumas informações não totalmente provadas. Resta a cada um, a partir de uma visão de mundo própria e de um balanço das informações aqui apresentadas, fazer uma análise pessoal em relação ao cineasta Michael Moore. Não esquecendo que também devem ser analisados o diretor, produtor, roteirista, político, além, é claro, do simples Michael Moore. É, na verdade, uma pessoa com várias faces e papéis sociais. Manipulador, um pouco talvez, mas, em vista dos feitos e de contra quem ele luta, esse humilde grupo responsável por esse estudo está, pelo menos por enquanto, a seu favor e acreditando na maioria das informações presentes em seu documentário.

Logo após a estréia do filme, Michael Francis Moore afirmou que pensava na segunda parte do mesmo, intitulado *Fahrenheit 09/11 e 1/2*, para ser divulgado antes das eleições de 2008. Segundo ele, os temas seriam os mesmos: Iraque e o terrorismo. De acordo com o site Europa Filmes, essa continuação estaria centrada no segundo mandato de George Walker Bush. Até o momento, não houve informação mais recente acerca desse assunto, não encontramos fatos novos ou declarações





do diretor que confirmassem que essa continuação ainda está em seus planos. Moore acabou de lançar *Sicko*, em julho, no EUA. Caso o interesse pela continuação de *Fahrenheit* ainda exista, ele deve estar em processo de coleta de material nesse momento, esperemos por mais notícias.



Conclusão do trabalho

De acordo com tudo aqui analisado, o grupo propôs duas questões para discussão e reflexão junto à turma:

- Isso foi um trabalho de verdade? (baseado em uma cena em que Bush manda Moore “arrumar um trabalho de verdade” e no questionamento sobre a qualidade de *Fahrenheit*. Ou seja, quem é o vilão aqui? Bush ou Moore? Moore se utilizou do cinema apenas para fazer politicagem com críticas infundadas acerca do presidente? Ou Bush que tenta ridicularizá-lo para desviar as atenções das besteiras que ele mesmo faz e que Moore estava tentando mostrar em seu filme? Ainda, qual a relação da insinuação de Bush com o que ele realmente pensa sobre a profissão de cineasta? Não apenas por ser Michael Moore).
- *Fahrenheit* é um Documentário? Sim ou não? (baseado em discussões de críticos sobre o filme de Moore, alguns deles diziam que a produção não se enquadrava na categoria de Documentário, pois não atendia a todos os requisitos teóricos para tal. Outros alegavam que o longa nada mais era que propaganda política anti-Bush.)

Como demonstramos ao longo deste trabalho, o grupo se mantém a favor da classificação de *Fahrenheit* como documentário e da importância do trabalho de Michael Moore na construção do mesmo, respaldados no comentário, acerca da relação documentário e realidade, de Umbelino Brasil, cineasta e professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Bahia:

Esse gênero cinematográfico pode, também, significar para realizadores, estudiosos e espectadores uma prova da "verdade", uma vez que trabalha diretamente com imagens extraídas da realidade. É comum se imaginar o filme documentário como a expressão legítima do real ou se crer que ele está mais próximo da verdade e da realidade do que os filmes de ficção. (BRASIL)

Da mesma forma que o estudante Éder Mateus Nunes, no artigo “O Gênero Audiovisual do Documentário” aponta que:



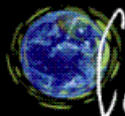


O documentário ocupa uma posição ambígua e polêmica na história, teoria e crítica do cinema. Se por um lado, recorre a procedimentos próprios desse meio: escolha de planos, preocupações estéticas de enquadramento, iluminação e montagem, separação das fases de pré-produção, produção, pós-produção etc.; por outro, procura manter uma relação de grande proximidade com a realidade, respeitando um determinado conjunto de convenções: registro in loco, não direção de atores, uso de cenários naturais, imagens de arquivo etc. Vale salientar que é o segundo conjunto de convenções acima referido que melhor identifica o documentário como gênero, pois são essas características que garantem autenticidade ao que é retratado. (...) O percurso para a produção do documentário supõe uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro gênero. No documentário existe uma possibilidade enorme de variação quanto à utilização de determinados recursos. O documentarista pode (ou não): a) usar a figura do locutor (on ou off); b) construir o filme apenas em cima de depoimentos; c) utilizar o recurso da reconstituição para contar a história; d) criar personagens para dar maior dramaticidade à narrativa; e) apresentar documentos históricos etc. (NUNES, 2006)

Éder ainda completa:

O documentário é, portanto, uma obra pessoal; mais do que isso, é um gênero essencialmente autoral, sendo absolutamente necessário e esperado que o diretor exerça o seu ponto de vista sobre a história que narra. É impossível ao documentarista apagar-se. A subjetividade e a ideologia estão fortemente presentes na narrativa do documentário, oferecendo representações em forma de texto verbal, sons e imagens. (NUNES, 2006)





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

2001 - Vídeo e Livros. **O Livro Oficial do Filme *Fahrenheit 11 de Setembro***. Disponível em:

<http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_extra_livros.asp?produto=9438>

ANDERSON, Kevin. **Crítica compara Moore a cineasta 'nazista'**. Disponível em:

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/story/2004/06/040625_Fahrenheitml.shtml>

BRASIL, Umbelino. **O filme documentário como "documento da verdade"**. Disponível em:

<<http://www2.ufba.br/~revistao/01ofilme.html>>

CABRAL, Paulo. **Brasileiros gostam dos americanos, mas não de Bush, diz Moore**. Disponível

em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2004/07/040728_mooredtl.shtml>

CABRAL, Paulo. **'Fahrenheit' lota cinemas, mas tem impacto duvidoso**. Disponível em:

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/story/2004/07/040702_moorecl.shtml>

CARLOS, Maíra. **Um olhar sobre como o 33, de Kiko Goifman revela novas possibilidades para**

a prática documentária. 2005. Capítulo 3: Construindo documentários. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/carlos-maira-pactos-documentarios.pdf>

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro. Edição revista e atualizada com exercícios práticos**.

Rio de Janeiro, ROCCO, 1995.

DVD *Fahrenheit* (EUA). Disponível em:

<http://www.walmart.com/catalog/product.do?product_id=3216768>

'Fahrenheit' é 1º documentário a liderar bilheteria nos EUA. Disponível em:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/story/2004/06/040628_moore2ms.shtml

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FIELD, Syd. **Manual do Roteiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

Filme de Moore bate marca de US\$ 100 milhões em bilheteria. Disponível em:

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/story/2004/07/040726_mooremv.shtml>

France Presse. **"Fahrenheit 9/11" é proibido para menores de 17 anos nos EUA**. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u44992.shtml>>

France Presse. **"Fahrenheit 9/11" recebe crítica morna da imprensa americana**. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45290.shtml>>

France Presse. **Polêmico documentário de Michael Moore domina bilheterias nos EUA**.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45412.shtml>>



GLEZER, Raquel. **A história e o tempo presente**. In: BRUNI, J.C; MENNA-BARRETO, L;

MARQUES, N.. (Org.). **Decifrando o tempo presente**. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2007, v. 1, p. 23-44.

GODOY, Hélio. 2001. **Documentário, realidade e semiose: os sistema audiovisuais como fontes de conhecimento**. São Paulo: Editora Annablume: Fapesp. Disponível em:

< bocc.ubi.pt/pag/godoy-helio-realismo-documentario.pdf >

HistóriaNet atualidade. **Estados Unidos: eleições 2000**. Disponível em:

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=253>

Interfilmes - **Fahrenheit 11 de setembro (Fahrenheit 9/11)**. Disponível em:

<[http://www.interfilmes.com/filme_14845_Fahrenheit.11.de.Setembro-\(Fahrenheit.9.11\).html](http://www.interfilmes.com/filme_14845_Fahrenheit.11.de.Setembro-(Fahrenheit.9.11).html)>

Ilustrada. **Polêmico documentário de Michael Moore domina bilheterias nos EUA**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45412.shtml>>

KOPEL, Dave. **Fifty-nine Deceits in Fahrenheit 9/11**. Disponível em:

<<http://www.davekopel.com/Terror/Fiftysix-Deceits-in-Fahrenheit-911.htm>>

Kuwait proíbe entrada do 'Fahrenheit 11 de Setembro': Disponível em:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/story/2004/08/040802_kuwaitmoorero.shtml

LORENTE, Maria. **"Fahrenheit 9/11" eleva a temperatura de ano eleitoral nos EUA**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45312.shtml>>

Michael Moore libera download de "Fahrenheit 9/11". Disponível em:<

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u16375.shtml>>

Michael Moore leva a Palma de Ouro em Cannes. Disponível em:

<<http://www.consciencia.net/2004/mes/05/michaelmoore-cannes.html>>

Michael Moore quer concorrer a Oscar de Melhor Filme. Disponível em:

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/story/2004/09/040907_moorerc.shtml>

NUNES, Éder Mateus. **O Gênero Audiovisual do Documentário**. Disponível em

<<http://www.insite.pro.br/Dever%20de%20casa%20%C3%89der.htm>>

PALAST, Gregory. **A melhor democracia que o dinheiro pode comprar**. São Paulo: Francis, 2004. trad.Patrícia de Cia.

PIMENTA, Marilu Ribeiro. **Moore than this! Um estudo sobre o filme documentário de Michael Moore**. Centro Universitário de Belo Horizonte. 2004. *Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social do Departamento de Ciências da Comunicação - DCC - do Centro*





Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

PORTELLA, Oswaldo. **Temperatura máxima - Michael Moore contra o clã Bush em**

Fahrenheit 11 de Setembro. Disponível em: < <http://www.duplipensar.net/artigos/2004-Q3/moore-versus-bush.html>>

Prêmio Framboesa. Disponível em: < <http://cinema.terra.com.br/oscar2005/interna/0,,OI479037-EI4252,00.html>>

SALOMÃO, Graziela. **A polêmica que Fahrenheit 11 de setembro provocou nos Estados Unidos.**

Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT764973-1655,00.html>>

Site oficial de Michael Moore. Disponível em:

<http://www.walmart.com/catalog/product.do?product_id=3216768>

Site oficial de Fahrenheit 9/11. Disponível em: <<http://www.Fahrenheit911.com/>>

The New York Times – **Movies: Michael Moore.** Disponível em:

<<http://movies.nytimes.com/person/103383/Michael-Moore>>

The teacher's guide – Fahrenheit 9/11. Disponível em: <<http://www.michaelmoore.com/books-films/Fahrenheit911/teachersguide/>>

Observação: todos os endereços eletrônicos acima listados foram acessados na data de 01/12/2007 e estavam disponíveis.

